

FANATISMO E PLENITUDE PEQUENAS ESTÓRIAS

Roosevelt M. S. Cassorla,¹ Campinas

rcassorla@uol.com.br

Resumo

Fatores vinculados ao comportamento fanático são apresentados através de ficções baseadas em fatos mais ou menos reais. Especulações imaginativas sobre os mitos de Narciso e do Paraíso somam-se à descrição de personagens e situações tais como atentados terroristas, mulher-bomba, bullying, supostos heróis, famosinhas, seitas religiosas, suicídios e homicídios. Propõe-se que o fanático considera o Paraíso um fetiche que substitui a falta terrífica. O comportamento fanático no campo analítico é ilustrado por meio de uma vinheta clínica.

Palavras-chave: fanatismo, terrorismo, fetiche, recusa, religião

Fanaticism and fulfillment: short stories

Abstract: Factors linked to fanatical behavior are presented through fictions based on more or less real facts. Imaginative speculations about the myths of Narcissus and Paradise are added to the description of characters and situations such as terrorist attacks, suicide bombers, bullying, supposed heroes, celebrities, religious sects, suicides and homicides. It is proposed that the fanatic regards Paradise as a fetish that replaces the terrifying lack. Fanatic behavior in the analytical field is illustrated through a clinical vignette.

Keywords: fanaticism, terrorism, fetish, disavowal, religion

Descrevo fatores vinculados ao comportamento fanático através de pequenas ficções, transformações de fatos que podem ou não ser considerados reais, tais como mitos e sociedades perfeitas. Incluem ficções psicanalíticas, supostamente científicas.

Liríope

Deixando-se abraçar pelo rio Cefiso, a ninfa Liríope sentia-se plena de mundo. Tornara-se a Paz, o Todo, Deus, Infinito. Totalmente preenchida, o precisar – que sentira antes – fora relegado ao olvido.

1 Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Campinas (SBPCamp).

Por vezes Cefiso se agitava, e Líriope vivia um imenso prazer medroso – ao qual se seguia uma sensação de estar ainda mais plena de mundo (como se isso fosse possível). O tempo se tornava Eternidade.

Um dia Líriope percebeu seu corpo se modificando. Desconfiou de algo estranho que Cefiso lhe havia introduzido, em forma sub-reptícia. Sentiu-se traída. O estranho crescia e a assustava. Desejava que ele – um bebê cujo nome seria Narciso – fosse eliminado. Também queria que Cefiso não tivesse existido. Não suportava ver outras ninfas banhando-se nele. Quando a dor se tornava insuportável, Líriope queria morrer.

Pouco tempo depois Líriope percebeu – surpresa – que sentia outro tipo de preenchimento. Plena de mundo, ainda mais plena do que se sentira com seu amante traidor (como se isso fosse possível). Fusionada ao seu bebê, tornara-se a Paz, o Todo, Deus, Infinito.

Deus

No início não havia nada. E este nada não era vazio nem vago: não precisava de nada senão de si mesmo. E Deus viu que isso era bom. Por nada deste mundo ele teria criado o que quer que fosse. O nada não lhe convinha apenas: dava-lhe plenitude. ...

Deus era a absoluta satisfação. Ele nada queria, nada esperava, nada percebia, nada recusava e não se interessava por nada. A vida era de tal modo plenitude, que não era a vida. Deus não vivia, ele existia. ...

Era como se ele tivesse existido desde sempre.

Deus não tinha linguagem e, portanto, não tinha pensamento. Era saciedade e eternidade. E tudo isso provava da forma mais categórica que Deus era Deus. E esta evidência não tinha importância alguma, pois Deus não dava absolutamente a mínima para o fato de ser Deus. (Nothomb, 2003, pp. 5-6)

Samira

Samira não tinha qualquer dúvida. Fora convencida pelos argumentos do grupo da Internet. Sim, existia um mundo perfeito em que a fidelidade a Alá (louvado seja) conduzia a uma vida plena. Viveria em uma sociedade sem drogas, corrupção, pornografia. Não mais sofreria bullying nem seria ridicularizada por manter-se casta.

Após uma longa viagem foi acolhida no Oriente. Todas as mulheres eram irmãs, os homens, protetores. Coberto seu rosto, não havia olhares maliciosos. Não existia infidelidade nem impunidade. A justiça era perfeita. Sentia-se preenchida. Estava no Paraíso.

No entanto, os infieis buscavam conspurcar sua pureza. Deviam ser eliminados. Samira tornou-se combatente. As orações, as palavras de ordem, as marchas militares (em que o ritmo se assemelha aos batimentos cardíacos de uma mãe), o pertencimento a um grupo coeso, os líderes repercutindo a palavra divina... Sentimento oceânico – plenitude.

Samira se tornou mulher-bomba. Explodiu, eliminando dezenas de infieis, sentindo-se Eternidade. No Paraíso se fundiria a Alá (e a sua querida avó, a única que cuidara dela quando bebê).

Bullying

Mario, de 14 anos, sente-se injustiçado. Seus colegas de escola o rejeitam, condenado por um suposto assédio a uma menina. Trancado em seu quarto envolve-se com grupos de Internet que lutam através de jogos violentos, enquanto entretém ideias de vingança. Nos chats surgem ideias fanáticas. É convencido de que as mazelas do mundo são causadas pelo empoderamento das mulheres, dos grupos LGBTQ+, dos negros e indígenas, pelo marxismo cultural. As ideias expandem-se como certezas. São dezenas de grupos em todo o mundo. A democracia tem que ser extinta, e os conflitos resolvidos por meio da violência. Propõem-se ataques terroristas, em particular, nas escolas. Os membros inspiram-se em massacres anteriores e usam codinomes dos “heróis” que praticaram tais atos. Oferecem-lhe armas, e Mario se imagina invadindo sua escola e atirando em seus colegas e professores. Em seguida, se mataria. No outro mundo voltaria à Mãe Terra, ao útero materno, completude Eterna.

Jovens como Mario sentem-se vazios de existência, vítimas de situações traumáticas e deficitárias do início da vida, reativadas na adolescência pela rejeição cruel de seu ambiente. Sentem-se poderosos ao fundir-se a grupos fanáticos que possuem a Verdade, o Todo. (Cassorla, 2023)

Nada

É impossível imaginar o Nada. O objeto idealizado o preenche. As diferentes religiões prometem a vida pós-morte, o Paraíso, consolando pelos sofrimentos neste “vale das lágrimas”.

Religião – etimologicamente, *religação* – remete a pulsões libidinais que ligam e religam. O *desliga* refere-se a pulsões tanáticas. O objeto idealizado é fraudulento. Aparenta ligar, mas, na verdade, ataca a percepção da realidade e a substitui por uma fachada mentirosa. Um campo de concentração pode ser transformado em um parque de diversões, como no filme *A vida é bela* (Benigni; Ferri & Braschi, 1997).

Os mártires da Igreja viveram estados de beatitude durante as penas que antecipavam sua morte. O sofrimento envolve purificação. Iriam para o Céu, assim como os cruzados que tentavam expulsar os muçulmanos da Terra Santa. A busca do objeto idealizado é acompanhada de ódio e vingança.

Suicídio

O suicida não quer morrer. Ele quer escapar de um sofrimento insuportável e/ou tornar-se herói no Paraíso. Morte/Nada, não representável, é inicialmente equacionada ao terror do aniquilamento. A recusa (Freud, 1927/2014) da tomada de consciência do complexo terror/Nada cria um fetiche. A percepção do Nada terrífico é substituída pelo Paraíso. Equacionado a experiências imediatamente anteriores (vida intrauterina) ou posteriores (primeiras mamadas). Esse fetiche será apropriado pela cultura, nas crenças, ideologias, religiões e outros fatos. O contato permanente com a realidade da morte, sem fetiches, deixaria a vida insuportável (Cassorla, 2010)

Quando existe oscilação entre objeto idealizado (Paraíso) e objeto persecutório (Inferno), um ecoa dentro do outro. O trabalho analítico descobre o objeto bom, que não é divino nem diabólico. Pode-se viver na Terra, ainda que as assombrações infernais e celestiais assomem (Cassorla, 2019a).

Desamparo

O astronauta sai da nave para explorar o espaço. Permanece preso a ela por um cordão. O cordão se rompe. Flutua no espaço sideral sem comunicação com a nave. Está desorientado e incapaz de qualquer ação. Sua impotência transforma-se em desespero. Terrors de aniquilamento (de tornar-se Nada) antecipam a destruição de si mesmo. Se pudesse matar-se, a tortura desapareceria.

Grupos humanos, para escapar da vivência de não existir, criam um mundo em que tudo se sabe e se controla. Sentem-se superiores (os fiéis, os puros, os que têm a Verdade). Os “outros” são inimigos (os infiéis, hereges, judeus, negros, homossexuais e outros grupos demonizados culturalmente). Cisões e projeções são mais intensas quando existe ameaça de desagregação social. Líderes idealizados prometem a volta à nave (mãe), o Paraíso.

Pavlik Morozov

Pavlik denunciou seu pai e tio por desviarem colheitas do Estado, em benefício próprio. Traíam Stalin e o comunismo, contrariando a igualdade e

solidariedade entre os homens, duramente conquistadas. Pavlik sentiu-se no Paraíso durante as homenagens prestadas pelo Partido e Pioneiros Soviéticos.

Pavlik foi assassinado. Postumamente foi considerado Herói da União Soviética, o mais jovem – com 13 anos de idade. Foi cultuado pelo regime. Textos propagandísticos, canções, peças de teatro, uma ópera completa, influenciaram toda uma geração de crianças encorajadas a denunciar seus pais que contrariassem as regras do regime comunista. Crianças convencidas de que viviam no Paraíso.

Tempos depois verificou-se que muitas informações eram falsas. Em toda guerra a primeira vítima é a verdade. (Cassorla, 1998).

Simbiose

Durante toda a vida Maria sentira um vazio que a fazia duvidar se estava viva. Durante toda a vida João sentia um vazio tal, que pensava em morrer.

Maria e João quase se sentiam existentes quando eram olhados por alguém. Procuravam desesperadamente esse olhar, mas ele nunca era suficiente.

Maria e João se encontraram, se olharam, e, surpreendentemente, imaginaram que poderiam ser preenchidos. Supuseram que isso era Amor. Casaram-se.

O tempo passa. Maria percebe que João olhava para seu trabalho, sua mãe, outras mulheres. Sente falta de seu olhar. Retorna o vazio, a não existência. O ódio ciumento eventualmente a fazia sentir-se viva.

João percebe que o olhar amoroso de Maria se havia transformado. Sente-se vazio. Maria se arruma para sair com sua mãe, com suas amigas, não mais com ele.

João e Maria, infelizes, brigam, ressentem-se da ausência de olhares.

Um dia, Maria chega tarde. João suspeita que está sendo traído. Agridem-se fisicamente. Maria bate a cabeça e fica desacordada. João imagina que a matou. Busca sua arma e se mata. Maria sobrevive. Um mês depois se suicida.

Ambos estão no outro mundo, no Paraíso. Ali encontram Romeu e Julieta e outros casais enamorados que não perceberam que o outro é outro, e não um prolongamento narcísico de si mesmos (Cassorla, 2021b).

Narciso

Um dia o estranho resolveu sair de dentro de Liríope. Esta se apavorou. Perderia a plenitude. Não conseguiu segurá-lo. Viu-se diante de Narciso, o bebê mais lindo do mundo. Embevecida investiu seu olhar – e tudo o mais

– em seu bebê. Narciso manteve-se como um prolongamento de si mesma. Fusionados, eram Um. O Todo, o Infinito.

Liríope tinha pesadelos em que Cefiso e as outras ninfas lhe roubavam o bebê maravilhoso. Sabia que lhes provocava inveja. Consultou Tirésias, o adivinho cego. Este a alertou de que Narciso morreria, caso se visse.

Liríope tranquilizou-se, pois Narciso só via a ela. E ela se via em Narciso. Era Um, pleno(a) de mundo, fusão-completude. Liríope não queria perder esse estado e, espertamente, transformou o vaticínio da forma que lhe era conveniente. Se Narciso se visse – tendo mente própria –, morreria o Um, desprendendo-se de sua mãe.

Adolescência

Liríope está assustada. Narciso é adolescente. Teme uma traição, ainda que saiba que o jovem não seria capaz de ver ninguém a não ser ela mesma. As decepções anteriores não haviam sido esquecidas.

Um dia Narciso anda pela floresta e ouve um ruído. Era Eco, uma ninfa condenada a repetir as últimas palavras que ouvia. Eco se apaixona pela beleza de Narciso e o observa escondida. Narciso pergunta “quem está aí?” Eco responde “está aí”. O monólogo continua, e, em determinado momento, Narciso vê Eco. Foge apavorado dizendo que preferiria morrer a ceder ao seu amor.

Ainda que Narciso se visse em Eco e esta se visse em Narciso, a surpresa fez com que ambos tivessem um lampejo de discriminação do outro, separados. As pulsões sexuais estavam ativadas. A percepção não é suportada, porque Narciso não tem mente suficiente para viver na realidade triangular. A dor do trauma o faz fugir.

Narciso, sem perceber, busca proteção em algo similar ao seio/útero materno. Diante de uma lagoa se apaixona por um lindo rapaz – sua imagem – abraçado pelas águas (como ocorrera com o casal parental). Tentando alcançá-lo, narcotizado, deixa-se morrer. Está no Paraíso, completude...

As famosinhas

Existe um concurso de beleza na periferia de algumas cidades, as famosinhas, em que meninas de 12 a 14 anos se exibem a membros de um bando criminoso. A escolhida recebe roupas, joias, perfumes, e se tornará a amante preferida do líder. O concurso é acirrado, e as meninas lutam, de todas as formas, para entrar no Paraíso ao serem as escolhidas.

Esses mesmos bandos atraem meninos desamparados que mal se sentem existentes. No bando (como em uma seita religiosa, ou um grupo ideológico),

passam a ser vistos e valorizados. As regras são claras, e a hierarquia é sentida como protetora. Como nas organizações mafiosas que cuidam de seus membros e famílias, mesmo após a morte. O líder é idolatrado, um Deus protetor e assustador. Alguém que nos faz sentir existentes. Por ele podemos matar os inimigos. Para que continuemos sendo Tudo.

O complexo de Israel

Os narcopentecostais controlam comunidades carentes no Rio de Janeiro e em outras cidades. O Complexo de Israel e a Tropa de Arão unem várias favelas. Os líderes, pastores evangélicos, ditam regras que protegem a sociedade. A violência, o estupro, os funkeiros, a prostituição, a pornografia, os roubos, as drogas são proibidos, e os transgressores, punidos. A população sente-se segura.

Membros da comunidade são cooptados para o tráfico de drogas e outros atos criminosos. A clivagem entre os aspectos evangélicos moralistas e os aspectos criminosos é justificada com a frase: “O que importa não é de onde conseguimos o dinheiro, mas que ele seja utilizado para disseminar a palavra de Deus”. Estamos no Paraíso.

Fanatismo²

No *Dicionário filosófico*, Voltaire (1764/2021) escreve:

Fanatismo é para a superstição o que é o delírio para a febre ... Aquele que tem êxtases, visões, que considera os sonhos como realidades e as imaginações como profecias é um entusiasta; aquele que alimenta a sua loucura com a morte é um fanático ... O mais detestável exemplo de fanatismo é aquele dos burgueses de Paris que correram a assassinar, degolar, atirar pelas janelas, despedaçar, na noite de São Bartolomeu, seus concidadãos que não iam à missa. ... Há fanáticos de sangue-frio: são os juízes que condenam à morte aqueles cujo único crime é não pensar como eles. ... Quando uma vez o fanatismo gangrenou um cérebro, a doença é quase incurável. ... seus olhos encarniçavam-se, seus membros tremiam, o furor desfigurava seus rostos e teriam matado quem os houvesse contrariado. ... Essa gente está persuadida de que o espírito santo que a penetra está acima das leis e que o seu entusiasmo é a única lei a que devem obedecer. ... um homem que vos diz que prefere obedecer a Deus a obedecer aos homens e que, conseqüentemente, está certo de merecer o céu, se vos degolar ... De ordinário, são os velhacos que conduzem os fanáticos e que lhes põem o punhal nas mãos: ... fazia imbecis gozarem as alegrias

2 Este item retoma Cassorla (2024).

do paraíso e que lhes prometia uma eternidade desses prazeres que lhes havia feito provar, com a condição de assassinar todos aqueles que lhes apontasse. (Voltaire, 1764/2021, posições 2202-2233)

Estamos diante da Inquisição, dos fascismos, nazismo, stalinismo, morticínios de ameríndios, escravidão negra, pogroms, Ku Klux Klan, terroristas islâmicos, genocídios na Armênia, Ruanda, Congo Belga, Bangladesh, Taleban, o “grande salto para a frente” na China, os suicídios coletivos de Jim Jones e outros, as ditaduras terroristas na América Latina e tantos lugares. E do fanático próximo, em nossa família ou grupo social (também dentro de nós) que pode passar ao ato, se houver um estímulo adequado.

Ainda que o comportamento fanático seja similar na história da humanidade, os fatores que o desencadeiam se relacionam com variáveis sociais que insuflam o comportamento em determinadas fases do funcionamento de cada sociedade.

Em outro texto (Cassorla, 2021a) incluímos nas defesas fanáticas um conglomerado em que se identifica a negação (*Verneinung*) (Freud, 1925/1969) e a recusa (*Verleugnen*) (Freud, 1927/2014) da realidade, com a criação de fetiches idealizados que substituem a percepção da incompletude. Transformações alucinatórias fazem com que o fanático sintam-se orgulhosamente identificado com uma espécie de Deus todo-poderoso, onisciente e onipotente (Cassorla, 2019b). O objeto idealizado é projetado em alguma religião ou ideologia política cujos adeptos são considerados superiores.

Fazem parte da estrutura fanática duas características. 1. A certeza de estar cercado por inimigos, que se voltarão contra os fanáticos, exterminando-os. Trata-se de um evidente mecanismo projetivo, ainda que saibamos que podem ocorrer enfrentamentos entre dois ou mais grupos fanáticos. A dissidência costuma criar outro grupo fanático em que “hereges” terão que ser eliminados, e vice-versa. O fanático, ameaçado, tem que defender-se exterminando os supostos inimigos. 2. A necessidade imperiosa de conquistar adeptos. Fruto da insegurança inconsciente, é necessário formar massas homogêneas poderosas que reforçarão as crenças e lutarão contra os inimigos da Causa (Cassorla, 2005). Aqueles que não concordam com a massa deverão ser eliminados.

Os fatores assinalados devem ser complementados pela necessidade de desumanizar o inimigo. Dessa forma, ele será sujeito a tudo aquilo que se faz com animais e “coisas”: tortura, eliminação, redução a cinzas.

Fanatismos contemporâneos

Nos movimentos fanáticos contemporâneos predominam duas vertentes: o jidahismo, isto é, o extermínio dos “infieis” pela força, dando lugar a uma determinada sociedade islâmica, e a ultradireita. Esta última tem-se revelado cada vez mais poderosa. Inclui os neofascistas, os nacional-socialismos e um amálgama de adeptos do supremacismo e nacionalismo brancos, da misoginia e homofobia extremas, do antissemitismo e do combate à imigração. Os aceleracionistas – ramo do supremacismo – pregam a ação violenta imediata. Os Incels (celibatários voluntários) acusam o feminismo por suas dificuldades afetivas e sexuais e pregam uma sociedade de machos alfa. As teorias de conspiração (como as dos QAnons) estão sempre presentes, e a Internet é o campo de batalha virtual. Identificaram-se 410 grupos de ultradireita na Europa em 2023.³

Noite de São Bartolomeu

Entre 2 mil e 70 mil huguenotes foram mortos por turbas católicas em 24 de agosto de 1572 e dias subsequentes, em Paris e outras cidades francesas. Mentiras ataçaram os terroristas.

As ruas estavam cobertas de corpos mortos, os rios ficaram manchados ... Carroças carregadas de cadáveres, homens, mulheres, garotas e até mesmo crianças eram jogadas no Sena, enquanto torrentes de sangue corriam em muitas áreas da cidade ... Uma menina foi banhada no sangue de seus pais assassinados e ameaçada com o mesmo destino caso viesse um dia a tornar-se huguenote. (Wikipedia/massacre da noite de São Bartolomeu)

O Holocausto, que retomou os pogroms em escala industrial, assemelha-se à descrição acima. Assim como tantos outros massacres atuais. No entanto, os modos de eliminar populações inteiras vêm-se sofisticando a partir do nazismo e do stalinismo.

Os católicos terroristas, assim como os terroristas de qualquer religião ou ideologia, apenas desejam eliminar seus inimigos, que atacam invejosamente suas ideias. E essas ideias apenas visam transformar a Terra em um Paraíso, um Paraíso que segue as normas do grupo terrorista.

³ Os dados são do jornal espanhol *El País*, de 26 de novembro de 2023.

No campo analítico⁴

Ao final da sessão, T. me conta de sua surpresa pela morte de uma conhecida atriz, em um acidente. O fato me lembrou a primeira entrevista, quando T. me relatara, em forma indiferente, a morte de uma irmã, também por acidente. Divido essa lembrança com T. Diz que também se lembrara da irmã quando me contava da morte da atriz. Digo-lhe que talvez esse assunto surgisse em outra sessão.

Na manhã do dia seguinte, feriado, recebo uma mensagem em que me avisa que estava interrompendo a análise. Na noite do mesmo dia, me escreve dizendo que está muito mal e me pede, por favor, que a ajude.

T. inicia a sessão dizendo, magoada, que pensara em parar a análise porque eu não a ajudava. Que eu não tenho a sensibilidade de perceber sua dor. Que está sofrendo muito, que eu a maltrato e isso lhe fez muito mal. Que achou um absurdo eu ter lhe dito, na última sessão, que deveríamos falar sobre a morte de sua irmã. Qual a relação entre a morte da irmã e seu sofrimento atual? Nenhuma, sua irmã faleceu há 15 anos! Isso está no passado, já foi resolvido. Como um profissional tão respeitado comete erros básicos? Para que ficar cutucando em coisas que não são necessárias? Sua fala é autoritária, arrogante.

Surpreso, me imagino mostrando-lhe suas dificuldades com lutos, mas percebo que isso levaria a uma discussão estéril. Espero que algo mais produtivo venha a minha mente.

Em seguida, associa com a zanga comigo, em outra sessão. Mostrara seu desespero pela persistência dos sintomas e, ao final da sessão, me perguntara: “Você acha que vou melhorar, você acha que tenho cura?” Eu teria respondido: “Espero que sim”.

T. me acusa, violentamente, por essa suposta frase. Diz que eu fui frio, desumano. Que ela estava se sentindo destruída, aniquilada. Ensina-me: “Quando alguém está à beira da morte, espera que o outro lhe diga: ‘Sim, você vai viver. Tenho certeza. Tenho certeza absoluta’. Mesmo que você tenha dúvidas, é importante dizer isso, para que o outro não desista”. Repete a frase, de várias formas, detalhando fervorosamente a forma como devo me comportar.

Quando consigo falar, lhe digo que sinto muito que tenha passado por esse sofrimento. Que é importante que possamos continuar conversando sobre o que sentimos, para percebermos divergências e convergências.

4 Retomo Cassorla (2019b).

A vinheta ilustra a manifestação de parte do sistema de crenças no campo analítico. As situações mais evidentes são: a certeza de que a morte da irmã não tem qualquer importância e já está “resolvida”, e a maneira onipotente com que decide como eu devo comportar-me e o que eu devo dizer. Subjacente a essas certezas existe a crença na origem somática de seus sintomas. E, por fim, a crença de que a vida em sua organização narcísica é superior à vida na realidade triangular.

A rivalidade entre suas crenças e a psicanálise (representada por meu trabalho) se manifesta em forma proporcional à intensidade com que elas se sentem ameaçadas.

Fica evidente também o ressentimento de T. porque eu teria me recusado a ajudar da forma que considerava correta. Eu sou sentido como um analista injusto, avarento, que se recusa a “dar” o que T. precisa. Imagina que sadicamente eu estou fruindo de seu sofrimento. Logo, eu sou culpado por sua doença. Como essa doença é equacionada à morte, à não existência, eu sou considerado alguém que rouba sua vitalidade.

Por outro lado, T. tem certeza de que encontrará a cura, se eu me converter a sua causa. Ensina-me, fervorosamente, como devo trabalhar, “salvando-me” de minha incompetência. Minha recusa aumentará o desespero e a violência.

Resumindo, o pensamento fanático de T. apresenta-se da seguinte forma: “Estou morrendo”. Mas, ao mesmo tempo: (1) tenho a Verdade; (2) meu analista (a psicanálise) não acredita na Verdade; (3) devo convencê-lo da Verdade; (4) convertendo-o, salvo meu analista para a Verdade; (5) ao salvá-lo, confirmo minha onipotência e a Verdade; (6) logo, não estou morrendo. Acessoriamente: (1) morro por culpa da descrença de meu analista, que não se converte à Verdade; (2) para não morrer, devo matá-lo; (3) eliminada a causa de minha morte, eu continuo viva; (4) a Verdade triunfa.

Alteridade

Reconto, com minhas palavras, um relato de Amós Oz (2015): um escritor estava em um táxi, em Israel, e o chofer comentava sobre o conflito entre árabes e judeus. Dizia ele que a única solução possível seria matar todos os árabes, mesmo os que vivem em Israel. O escritor lhe pergunta: “e como os árabes seriam mortos?” O motorista afirma que todo judeu deveria matar um árabe. O escritor continua: “e como seriam mortos?” O motorista: “de qualquer forma, tiros, facadas, bombas”. O escritor: “imaginemos então que no prédio em que você mora exista uma família árabe, você entra lá e mata

todos”. O motorista concorda vacilante. O escritor continua: “imaginemos então que você matou toda a família e, quando já está se afastando, ouve um choro de bebê, que sobreviveu, porque você não viu. O que você faz?” O motorista retruca: “como o senhor é cruel!!!”

Referências

- Benigni, R. (Dir.); Ferri, E. & Braschi, G. (Prods.) (1997). *A vida é bela* [filme]. Melampo Cinematografica.
- Cassorla, R. M. S. (1998). Refletindo sobre Pavlik Morozov. In D. L. Levisky (Org.), *Adolescência: os caminhos da violência* (pp. 13-19). Casa do Psicólogo.
- Cassorla, R. M. S. (2005). Barbárie, terrorismo e psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 39, 87-90.
- Cassorla, R. M. S. (2010). A leste do Éden: loucura, feitiço e suicídio. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44(2), 147-157.
- Cassorla, R. M. S. (2019a). Em busca do objeto idealizado. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 53, 49-65.
- Cassorla, R. M. S. (2019b). Fanaticism: reflections based on phenomena in the analytic field. *The International Journal of Psychoanalysis*, 100(6), 1338-1357.
- Cassorla, R. M. S. (2021a). Arrancando os olhos: reflexões sobre negacionismo. *Jornal de Psicanálise*, 54(101), 95-112.
- Cassorla, R. M. S. (2021b). *Estudos sobre suicídio: psicanálise e saúde mental*. Blucher.
- Cassorla, R. M. S. (2023a). “Aterrorizo, logo existo”: reflexões sobre os ataques às escolas. *Febrapsi Notícias*, 29(66), 9-10.
- Cassorla, R. M. S. (2024). Um estudo sobre a mente fanática. *Calibán – Revista Latino-Americana de Psicanálise* (no prelo).
- Freud, S. (1969a). A negativa. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 19, pp. 293-300). Imago. (Trabalho original publicado em 1925)
- Freud, S. (2014). O fetichismo. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 17, pp. 302-310). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1927)
- Nothomb, A. (2003). *A metafísica dos tubos*. Record.
- Oz, A. (2015). *Como curar um fanático*. Companhia das Letras.
- Voltaire (2021). *Dicionário filosófico*. Montecristo [editora 100% digital]. <https://montecristo editora.com.br/9781619652576-dicionário-filosófico>. (Trabalho original publicado em 1764)